

Bate-boca entre ACM e Simon pára Senado

Pefelista sobe o tom para rebater críticas feitas na TV por colega, que reage com comentários irônicos

ROSA COSTA
e RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — O plenário do Senado viveu ontem uma das sessões mais tensas de sua história, quando seu presidente, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), usou a tribuna para rebater críticas feitas a ele e ao governo pelo senador Pedro Simon (PMDB-RS) num programa de TV. ACM chamou Simon de "inveioso, ridículo, patético histriônico e enganador do Rio Grande do Sul". A reação do gaúcho foi recheada de ironia, mas o líder do PMDB, Jáder Barbalho (PA), trocou ofensas e acusações com ACM que preocuparam os senadores. "Hoje não falo nada, já ouvi o bastante", acauteou-se José Sarney (PMDB-AP).

ACM estava irritado porque Simon havia dito, no programa *Jô Soares Onze e Meia*, do SBT, que cinco pefelistas mandam no presidente Fernando Henrique Cardoso, citando ACM, seu filho, Luís Eduardo, o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira, o embaixador Jorge Bornhausen e o vice-presidente Marco Maciel.

O tom do discurso de ACM aumentou a apreensão no plenário lotado por 76 dos 81 senadores. "A conduta de V. Exa. tem sido a de falar, reclamar, gritar e dormir no plenário e nas comissões", acusou Antônio Carlos, dedo em riste para Simon, que acompanhava na primeira fila, ao lado de Sarney e Jáder.

"O deputado Luís Eduardo Magalhães não pode ser tratado como V. Exa. o tratou, deve respeitá-lo", disse o pai do novo líder do governo na Câmara. "Corrija-se, para poder ser um dos nossos."

À medida em que o discurso se alongava, Simon ficava mais irrequieto, mas só interrompeu quase

DISCURSO DE LÍDER AUMENTA A TENSÃO NO PLENÁRIO

no fim, para pedir a Geraldo Mello (PSDB-RN), que presidia a sessão, o mesmo tempo (25 minutos) para responder a ACM. Melo argumentou que, pelo regimento, Simon teria cinco minutos, podendo falar mais depois da ordem-do-dia.

Simon recusou e a solução foi abreviar as votações: em menos de cinco minutos foram aprovados dois requerimentos e um pedido de empréstimo, sem discussão e por voto simbólico.

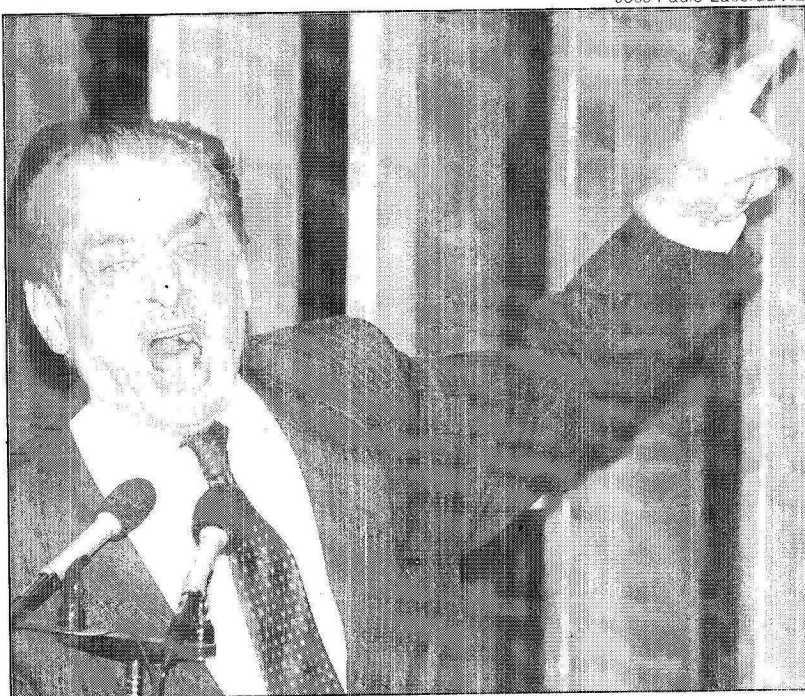
"Eu sei que lá no fundo V. Exa. sabe que não sou nada disso", afirmou Simon. "Na verdade, senador Fernando, digo, Antônio Carlos Magalhães, sua equipe é uma equipe do Primeiro Mundo." Fez seguidas referências "ao ilustre deputado Luís Eduardo Magalhães" e descontraiu o ambiente.

A carga máxima de tensão, no entanto, ocorreu quando Jáder,

também com ironia, disse discorde de Simon. "ACM não é dono da cabeça de Fernando Henrique", afirmou Jáder. "Isso é uma injustiça criada pela imprensa, mas cabe ao senador Antônio Carlos cuidar de seus gestos para que a imprensa não fique com essa impressão."

Num debate paralelo, ACM afirmou que Jáder não podia dar lições de comportamento. "Ainda há pouco, na falta do que bater, dava murros na mesa." Jáder devolveu lembrando um incidente entre ACM e Ney Suassuna (PMDB-PB): "Bato na mesa, mas nunca bati nem tentei bater na cara de um colega senador." O troco de ACM: "Nunca fiz nada contra o banco de meu Estado." De novo Jáder: "E eu nunca fui sócio de Ângelo Calmon de Sá (ex-dono do Banco Econômico)." Simon interrompeu: "Calma, senhores, o réu aqui sou eu."

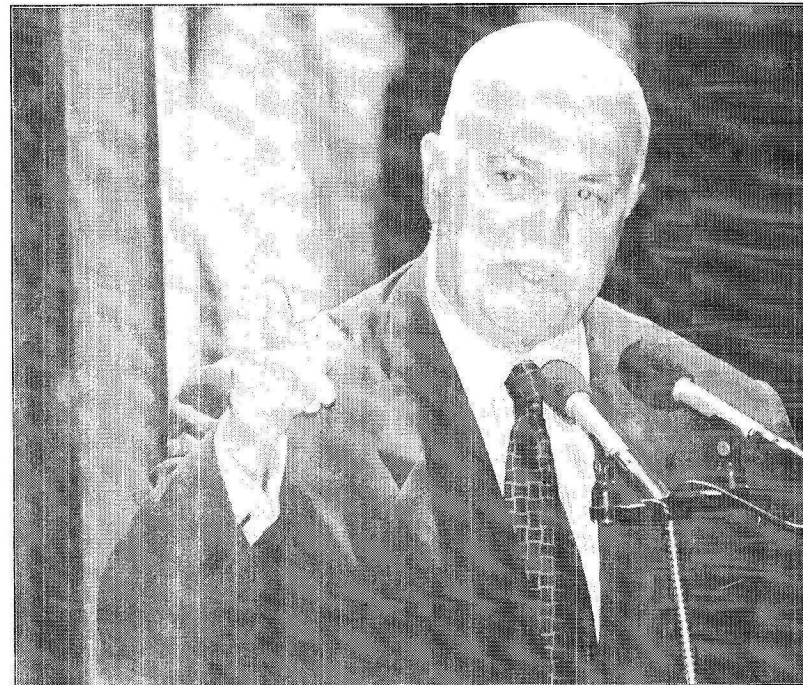
Depois de falar e ser apartado por quase uma hora, Simon desceu da tribuna e cumprimentou Antônio Carlos. O presidente do Senado e o líder do PMDB não se falaram.



"Não faz parte da minha vida ser antiético, ter inveja ou ciúme doentio. Mas minhas idéias sempre foram minhas"

"O inferno está cheio de gente que não fez mea culpa"

Pedro Simon (PMDB-RS)



"Como podem as rãs falar sobre o mar se elas sempre viveram no brejo?"

"Esse complexo de inveja não pode ficar sem resposta"

Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA)

Debate antecipa cenário eleitoral

BRASÍLIA — Os discursos de Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Pedro Simon (PMDB-RS) foram mais que um acerto de contas entre dois antigos adversários. Eles anteciparam o cenário eleitoral de 1998, de luta por espaço entre aliados na reeleição de Fernando Henrique. Ao fundo, o palanque de Itamar Franco.

ACM e seu grupo ocupam um território cada vez mais amplo na aliança governista. Ele foi eleito presidente do Senado com o apoio do Planalto e, anteontem, depois que o filho, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), assumiu a liderança do governo na Câmara, inaugurou a campanha pela reeleição de Fernando Henrique "com um vice do PFL". Para pefelistas, foi o sinal de que, em 1998, o grupo do

senador pode exigir que o cargo de vice seja de Luís Eduardo.

Simon respondeu com suas melhores armas, a ironia e a memória. Narrou episódios do governo Itamar, nos quais o então ministro Fernando Henrique aparece como adversário da reeleição e da privatização da Vale do Rio Doce, para se dizer decepcionado com o presidente que ajudou a eleger.

O máximo que os amigos de Simon admitem é que ele guarde mágoa de Fernando Henrique. Apesar de ter sido o que mais e melhor trabalhou para que Itamar adotasse a candidatura do tucano, encolheu politicamente no governo de Fernando Henrique. Acha a reeleição "um golpe do Congresso" e tenta costurar uma aliança para trazer Itamar de volta. (R.A.)